

Haroldo de Campos: a editora Perspectiva e a recepção de Jacques Derrida no Brasil: uma entrevista com Jacó Guinsburg.

Raphael Meciano¹

RESUMO: Jacó Guinsburg nasceu em Rîșcani (Moldávia) e morreu em São Paulo no dia 21 de outubro deste ano. Era presidente da Editora Perspectiva, fundada por ele próprio em 1965. Trata-se de uma das principais editoras do país, cujo vasto catálogo abarca obras clássicas e contemporâneas de filosofia, ciências humanas e ficção. O trabalho de Guinsburg não é reconhecido unicamente pelo seu papel à frete da editora. Ele foi também professor de teoria do teatro na Escola de Comunicação e Artes da USP; é crítico de literatura, bem como tradutor. Muito generoso, simpático, sempre irônico e fazendo piadas, ele concedeu a mim esta entrevista no dia 1/02/2017, no seu escritório na Av. Brigadeiro Luís Antônio, em São Paulo.

Eu, particularmente, tinha a finalidade de confirmar e adquirir informações editoriais acerca das primeiras traduções e publicações dos livros de Jacques Derrida no Brasil. Naquela ocasião eu estava no processo de pesquisa da minha dissertação de mestrado, que propunha analisar a recepção da obra daquele autor no Brasil, e a editora “Perspectiva” foi a primeira a traduzir e publicar seus livros localmente. Porém, não foi a primeira apenas no Brasil, mas a primeira edição de um livro de Derrida fora da França. Assim, ficaram disponíveis para o público leitor brasileiro *A Escritura e a Diferença*, em 1971 (apenas quatro anos depois da edição original, em 1967) e, logo depois, em 1975, a *Gramatologia*, cujo original também data de 1967.

Além disso, o contexto que envolve esta primeira publicação de Derrida no Brasil tem relação com Haroldo de Campos – poeta concretista, crítico, ensaísta e tradutor. Este era amigo de Jacó Guinsburg, trabalhou na “Perspectiva” e teve um contato relativamente estreito com o próprio Derrida. Portanto, a entrevista que se segue desdobra esses assuntos.

¹ Historiador, graduado em História pela Universidade de São Paulo em 2014 e mestre, pela mesma instituição, em 2018. Pesquisador em história intelectual contemporânea e literatura brasileira. O objeto principal da pesquisa é a tradição do modernismo literário brasileiro - principalmente a vanguarda antropofágica relacionada à obra de Oswald de Andrade – e suas conexões com movimentos correlatos internacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Jacó Guinsburg; Haroldo de Campos; Antonio Candido; crítica brasileira; Jacques Derrida; pós-estruturalismo; teoria literária;

Primeiramente, gostaria de perguntar ao senhor como foi que o nome de Jacques Derrida chegou à editora, e por que decidiram publicá-lo?

Vários aspectos nos levaram a Derrida. Primeiro o fato do movimento filosófico em que ele estava entrando... E a *Gramatologia* que veio para a editora através do Haroldo [de Campos] e da Leyla Perrone, que na época traduziu o trabalho. Ela estava na França quando entrou em contato com esse movimento. Então, essa foi uma primeira fonte. Mas a principal fonte, além da Leyla, foi o Haroldo. O Haroldo estava extremamente interessado no pensamento dele (nas colocações filosóficas que ele estava propondo), e acrescentou ainda o fator de ele ser um autor de origem judaica, o que nos interessava. Então estes fatores nos levarão a Derrida. Nos levaram... Quer dizer, seria fácil qualquer editora ser levada, pois àquela altura ele já estava se tornando um nome internacional, e todos já estavam tomando conhecimento das posições dele [...] e de suas diferenças em relação às posturas tidas como mais tradicionais.

Depois disso, o que eu sei é que o contato dele com o Haroldo de Campos se tornou relativamente mais estreito. Eles tiveram... E não sei se foi só através da Leyla, mas foi também através da Inês [Oseki-Dépré], tradutora de Lacan... (se eu não me engano, porque eu nunca fui confidente do Haroldo)... Mas inclusive o Derrida esteve no Brasil e teve um contato estreito com ele, inclusive escreveu sobre ele². Então eu diria que era uma relação e não uma filiação. Porque o pensamento do Haroldo, de certa forma, antecede o pensamento do Derrida, e de outro modo o Haroldo era um intelectual brasileiro bastante independente em relação às suas afinidades. Quer dizer... Nenhum autor escapa das relações eletivas, isso é a formação de cada um. Porém, o grau de novidade ou a independência, independentemente da postura mais próxima ou mais distante em relação a certos conceitos fundamentais ou certas posições, tem alguma importância... Mas essa maneira mecânica que existe às vezes, principalmente na nossa crítica, de dizer: “fulano pegou esses conceitos desse autor estrangeiro” e logo conclui

² Em 1996, a PUC-SP fez uma homenagem a Haroldo de Campos, da qual Jacques Derrida fez parte. Para esta ocasião o filósofo escreveu um breve texto sobre o poeta brasileiro, que foi publicado em um livreto distribuído na ocasião. O texto de Derrida tem o seguinte título: “Cada vez, quer dizer, e no entanto, Haroldo”, escrito em 25 de maio de 1996. O referido livreto, por sua vez, recebe o seguinte título: “Homenagem a Haroldo de Campos.”

que ele copiou... Copiou coisa nenhuma! É um outro tipo de pensamento. Claro, existe muita cópia de fora, não se pode dizer que não tenha. Mas será que não copiaram o Oswald de Andrade, por exemplo, quem garante?

Mas o fato que nos levou a Derrida foi esse. E também por ser realmente um pensador que tem que ser levado em conta, não é? Você não pode discutir os movimentos intelectuais internacionais das décadas de 1960 e 1970 sem considerar determinados autores. E ele era um autor a ser considerado.

É interessante o caso da tradução de Derrida nesse sentido, porque, apesar de ele ter sido recebido antes, pessoalmente, nos Estados Unidos, ele foi publicado primeiro por aqui, pela editora “Perspectiva”. A que o senhor atribui esse interesse, no Brasil, por ele. Interesse este que, evidentemente, guarda poucas relações de “influência” (digamos assim), com a recepção norte-americana.

São tradições literárias, são modos de pensar, são níveis de organização social e política, estágios de organização social e política completamente diferentes. Os EUA, como a Inglaterra, sempre trazem uma marca maior, querendo ou não, de um certo pragmatismo; de um certo empirismo, que aliás distingue a filosofia deles. Os ingleses eram positivistas, *avant la lettre*, sem serem ideologicamente positivistas. Esse tipo de relação necessariamente se distingue. Nos EUA era um professor francês visto com os olhos de como os professores franceses e europeus são vistos lá.

Eu acho que a diferença de recepção é natural. Considerando inclusive os níveis: o nível de organização universitária e o tipo de trabalho envolvido. Era completamente diferente. Nós temos aqui algumas entidades, alguns aspectos que são semelhantes, pela troca que tem havido também. Claro que os estudos universitários norte-americanos, bem organizados, com um nível de produção que... quer dizer: *publish or die*...

Porém, em primeiro lugar, Haroldo, Décio Pignatari, Augusto de Campos, estavam voltados – sendo alunos do Colégio São Bento – para o mundo europeu (não falo apenas especificamente França, mas também Inglaterra, principalmente Alemanha e Suíça). Foi daí que veio Derrida.

E como o senhor avalia estes interesses intelectuais do Haroldo de Campos (que o levaram a se interessar por Derrida) e de seus companheiros na época do movimento concreto (o senhor citou Décio Pignatari e Augusto de Campos também), com a crítica literária consolidada naquele momento no Brasil – a crítica de Antonio Candido em particular?

A crítica nacional, creio eu, a partir de certo período – e eu colocaria com antecedência até o período do naturalismo – ela sempre foi cada vez mais uma crítica voltada para a própria nacionalidade e para o cerne da nossa problemática. Mas não a respeito de um conceito duro de “mentalidade”, que eu acho isso uma besteirada. Você pega uma nação e não reduz a uma mentalidade... Há um espírito reinante em determinada época, mas o espírito reinante a vinte anos atrás não é o que reina hoje...

Mas creio que possuímos grandes críticos, anteriores ao período recente. Porém, ao mesmo tempo em que a crítica se tornou mais internacionalizada, por relações cada vez mais estreitas, ela também se tornou mais independente. Os dois fenômenos são igualmente verdadeiros. Dizer “como”, não sei. Mas o que sinto é isso.

Quanto a Haroldo, não foi em reação às posturas de A ou de B... As pessoas esquecem, durante muito tempo que, apesar das diferenças conceituais e das posições defendidas em crítica literária entre Haroldo e Antonio Candido, aquele foi orientando deste...

A geração do Candido é uma geração que, pelo próprio processo de desenvolvimento dos estudos e das análises acadêmicas no Brasil, se ligavam à escola francesa, que era uma escola sociologizante-marxizante – aliás a primeira escola verdadeiramente marxizante no Brasil e que assume isso. Você tinha escritores ou pensadores ligados ao marxismo, como Astrogildo Pereira, como Nelson Werneck Sodré, etc., mas eram indivíduos. Posteriormente, com a USP, você tem uma corrente formada dentro de uma escola; de uma academia, que imprime o seu pensamento em alguns expoentes e muitos sub-expoentes. Então é diferente.

Veja, Derrida não foi tanto adotado pela USP quanto pela PUC. Quem trouxe Derrida para cá foi a PUC – pensando nas universidades. E a PUC, a certa época, estava muito mais aberta a certas correntes do que a USP. Não por razão de uma postura estritamente contrária, mas talvez porque naquele momento a PUC fosse menos burocratizada; as relações eram mais imediatas, corpo a corpo... Então, o fato é esse. E para o caso do Haroldo, que morava em frente à PUC, melhor ainda...

Agora, o concretismo de Haroldo, Augusto e Décio não vem como reação a nada. Vem pelo vanguardismo. O objeto deles como escritores é a criação. Eles surgem como intelectuais criadores. Eles só estão interessados na crítica e na polêmica na medida em que defendem um ponto de vista criativo e que eles mesmos praticam. O que

é diferente de alguém como eu dizer: “o correto deve ser isso.”, porque eu não estou fazendo poema, pelo contrário, eu estou apenas apreciando, como um objeto. Agora, com eles não. O autor é sujeito-objeto e objeto-sujeito. Então, trata-se de uma diferença fundamental. Além disso, a característica de todo o movimento concreto foi esta. Quase todos (mas não me lembro de tudo, pois a esta altura eu me esqueci de muita coisa – risos) componentes desse movimento, mesmo os que depois divergiram dele, como o nosso amigo Ferreira Gullar e outros, eram, ao mesmo tempo, críticos, poetas, ensaístas. Nesse sentido, defendiam posições porque dispunham de material teórico, argumentativo e da retórica necessária para defende-las. Mas o problema deles era, sobretudo, criativo. Não era o problema de estabelecer primeiro uma poética e depois fazer poemas. Era o contrário, “vamos fazer poesia e depois vamos fazer poética.”

É por isso que eu acho que o Derrida os interessou, porém como mais um elemento e nunca como um elemento chave.

O Haroldo, que eu digo que conheci relativamente bem – ninguém pode dizer que conhece alguém profundamente, pois há muita ilusão sobre isso e sempre existe algo que não se conhece –, era demasiadamente independente e, ao mesmo tempo, consciente das suas posições para simplesmente estar interessado em pegar um conceito ou outro. Ele já havia pensado suas coisas...

Nesse sentido, poderíamos pensar na importância que tem Haroldo de Campos na retomada da antropofagia de Oswald de Andrade, por exemplo, ou seja, já havia um precedente para as propostas dele, em certa medida...

Sim, pois é, exatamente. Então você veja. Do ponto de vista filosófico – eu não saberia dizer precisamente quais sejam – existem alguns pontos de convergência, mas não de filiação entre Derrida e ele. Eu usaria o termo “convergência” para descrever a relação de Haroldo com Derrida... Estou conversando com você e tendo a imagem do Haroldo vivo aqui, certo? Agora, ninguém inventa nada sozinho em literatura, arte em geral, não é? É sempre uma citação. O problema é aquele “quêzinho”; a introdução daquele detalhe de tinta que diferencia tudo.

Eu gostaria que o senhor comentasse, se for possível, como foi o processo de aquisição dos direitos para a publicação de *A Escritura e a Diferença* e da *Gramatologia*, no início dos anos 1970.

Não foi nada. Foi um procedimento normal. Muito tranquilo à época porque não havia disputa. As editoras brasileiras – com exceção, talvez, de três que começaram na

década de 1970 – não estavam interessadas nessa linha de pensamento. E por quê? Sobretudo por falta de público. Não tinham leitores...

O editor tem dois compromissos: um com a cultura e outro com a carteira. Porque se ele não tiver um compromisso com a carteira ele não paga seus funcionários, os direitos e, por isso, teria que sair com um prato na rua para pedir esmola. Então, ele, ao mesmo tempo, é um mercador, um capitalista, um burguês sem vergonha (e por aí a fora, pode usar tudo do jargão marxista e submarxista). Mas, por outro lado, boa parte dos editores - eu não diria a maioria – tem interesses também culturais. Esse interesse se traduz como? Se traduz principalmente nas relações que você estabelece...

Na época, então, não havia disputa. *A Gramatologia e A Escritura e a Diferença* foram tranquilos. Depois o pessoal começou a descobrir essa área em função de uma transformação do público leitor. Hoje nós temos um público diferente. Ele não é grande, mas é diferenciado. Então, as editoras começaram a rivalizar nisso. Tanto melhor para os detentores de direitos e por isso puderam subir os custos.

Agora, você tem, então, um outro tipo de público que surgiu. Esse público não é muito grande, porém existe: são aqueles com formação acadêmica e isso modifica muita coisa. Daí vem, muitas vezes, a disputa.

Votando um pouco para as relações com Candido e a USP. Eu li sua entrevista para a Folha de São Paulo, e me interessou sua resposta quando lhe perguntaram sobre sua relação com Antonio Candido – a propósito do fato de que ele o orientou no seu doutorado. O senhor disse: “foi o pecado da vida dele”³. Por que essa afirmação?

[Risos] Porque eu sempre fui muito amigo do Haroldo. Quer dizer, eu conheci o Candido antes. O Candido apareceu na minha vida quando eu publiquei uma comissão chamada “Brasil e Israel” da qual faziam parte Sergio Buarque, o Antonio Candido e outros professores (não lembro todos agora). Eu fazia uma seção de letras judaicas no suplemento literário do “Estadão”. Eles reuniram alguns artigos e publicaram um livrinho. Chamava-se “As Portas de Sion”. E qual não foi minha surpresa quando vi que havia um prefácio (que eu não pedi) do Antonio Candido. Eu nunca o tinha visto, só conhecia de nome, porque quando eu trabalhava na “Difusão europeia do livro” (DIEFEL) nós estabelecemos uma série de antologias...

³ SÁ, Nelson. **Jacó Guinsburg, 95, revê seus 70 anos na edição de livros**. Ilustríssima, Folha de São Paulo. 29/01/2017. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/01/1853544-jaco-guinsburg-95-reve-seus-70-anos-na-edicao-de-livros.shtml>

Eu gostava do trabalho dele, acompanhava a sua crítica. Via nele um crítico e um professor de grande envergadura, sem dúvida nenhuma.

Em que ano ocorreu isso que o senhor está me contando?

Nos anos 1950. 1952... Uma coisa assim. Ele [Candido] ainda não tinha publicado a *Formação da Literatura Brasileira*. Esse prefácio me deixou profundamente envaidecido. Eu não cabia dentro da minha camisa, que tinha muito menos botões que agora, porque minha barriga também era menor [risos].

Daí para frente sempre tive um ótimo contato com ele. E quando eu fui fazer o doutorado, porque eu estava na Escola⁴ como professor de estética e teoria do teatro... Então, eu procurei o Candido que, com a nobreza dele, me recebeu. Nobreza esta que, certamente, ninguém tira. Era uma grande alma. Independentemente das posturas políticas.

Agora, posteriormente houve um desentendimento muito grande entre o Haroldo e... não sei se foi propriamente com o Candido – não lembro exatamente com quem foi. Realmente houve uma separação. Mas isso depois que o Haroldo defendeu o doutorado. Ora, eu gostava e gosto dos dois. Não tenho nada contra eles. As diferenças filosóficas, teóricas e perspectivas... Os dois possuem contribuições notáveis e criticáveis. Claro que o excesso de sociologismo impede de ter uma visão mais qualitativa e estética de uma produção artística, de uma época, etc. Por outro lado, o excesso de estetismo, nós já sabemos, é estéril. Existem, obviamente, fatores sociais que movem a produção. Mas em que medida e de que forma eles se interagem... Bem, existe uma proveta que diz que você entra com 60% de marxismo e 40 de retórica? Não existe. Então, eu digo, precisa dos dois. Sei que a criação, a crítica e o pensamento brasileiro devem muito a eles. A ambos. Isso porque, afora o movimento modernista, o único movimento de peso que você teve na literatura brasileira é o movimento concretista.

Quer dizer, a amplitude que o movimento concretista teve ainda não foi medida. E ela foi muito maior do que aquela redução que se costuma fazer a um grupelho de paulistas metidos com o seu próprio umbigo. Até o Ferreira Gullar chegou a reconhecer isso, no fim. Eu gosto muito do Ferreira Gullar.

⁴ Refere-se à Escola de Comunicação e Artes da USP.

E o senhor diferencia o modernismo, digamos, que se estabeleceu na USP e aquele que foi levado adiante pelos concretistas?

Bem, os primeiros não ousaram ultrapassar os limites. Eles chegaram ao máximo do que o modernismo brasileiro poderia chegar – se é que queremos estabelecer limites conceituais. Atravessar aquilo... Alguns poetas começaram a fazê-lo. Bandeira começou, Drummond também... Mas não chegaram a fazer a travessia. Os concretistas, por outro lado, foram simplesmente para frente. Foram para a frente e ousaram desestruturar a linguagem! Então, esse é o mérito deles. Tem porcaria? Tem! E qual a produção que não tem porcaria? Pode-se fazer uma produção só de obras primas? Existe isso? Na cabeça de quem? Só de uns bestalhões... Quer dizer, não existe. Toda produção possui um *background* de coisas mal acabadas, etc. E de vez em quando sai uma obra prima.

Você pega o Vinícius. Um poeta fantástico, mas tem muita coisa dele que é primária. Agora, um lírico como ele está para nascer. Porém, eu não posso admirar o Vinícius porque eu admiro o Haroldo? O que tem a ver uma coisa com a outra?! Eu acho que só os tipos de mentes muito limitadas, que deveriam estar em alguma ordem de frades, e mesmo assim depende da ordem, podem pensar assim.

Gostaria de voltar agora à primeira publicação e tradução de Derrida fora da França, e o impacto disso no Brasil. A “Perspectiva”, então, tem um papel central nessa história...

Sim. Mas não somente de Derrida. Também de Huberto Eco, Margareth Mead, Cassirer... Se você pegar os 50 números iniciais da nossa série “Debates”, você verá que nós fomos os primeiros. Nesta série eu nunca pretendi lançar obras completas. Sempre achei que deveria abrir o caminho para o debate. E daí o nome da coleção. Acho que em certa época nós fizemos isso. Depois vieram outras editoras que fizeram tão bem e até melhor do que nós. Mas isso faz parte do jogo. Por mais que você crie perto do rio Amazonas e coloque uns diques por lá, você pode evitar que o rio continue correndo? Não pode, né? Então é isso.

Pergunto mais uma vez, pois, no caso de Derrida, a “Perspectiva” o traduziu e publicou antes mesmo que os norte-americanos – e sabemos da relação estreita que Derrida teve com universidades nos Estados Unidos. Inclusive, ele esteve lá antes

de estar no Brasil. Derrida frequentou os EUA desde 1966, quando fez sua famosa conferência em Johns Hopkins University.

Sim, e é por isso que Derrida chegou a Haroldo por via europeia. Haroldo era um monstro. Tinha uma erudição extraordinária que transparecia. Só conheço uma outra pessoa que se equiparava, que é esse moço aqui [aponta o retrato na parede], que é o Anatol Rosenfeld. São pessoas privilegiadas. Na biblioteca dele, mesmo nos últimos anos, você encontrava lá o Haroldo, sentado de roupão, com uma mesa monstruosamente cheia de livros. E ele sabia de tudo... Sabia onde estava cada livro.

O Haroldo era uma pessoa com muitos interesses filosóficos. Por exemplo, o Augusto é mais concentrado na poética, mas o Haroldo tinha uma grande atração pela estética. Ele tinha um interesse muito grande em filosofia. Tanto é que ele tentou transformar o Hegel em poeta. E todo o interesse dele pela literatura árabe, literatura hebraica... Latim ele tirava de letra.

Creio que com o tempo ele será mais estudado do que foi até agora...